

# O lugar de Ferenczi e o lugar do materno na psicanálise

Denise Salomão Goldfajn,<sup>1</sup> São Paulo

Resumo: Este artigo tem como base o trabalho apresentado no encontro organizado pela Sociedade de Psicanálise de Brasília: “Contribuições de Ferenczi para a psicanálise contemporânea” ocorrido em novembro de 2021. A autora busca resgatar a importância do pensamento do psicanalista húngaro na historiografia psicanalítica, demonstrando sua contribuição original sobre a matriz materna na clínica e na teoria psicanalítica. A autora propõe que o desenvolvimento do materno por Ferenczi foi fundamental para a desconstrução dos papéis culturais de gênero na clínica. Alguns exemplos são discutidos com base na clínica durante a pandemia.

Palavras-chave: Sándor Ferenczi, matriz materna, feminino, gênero, clínica psicanalítica

## O lugar de Ferenczi na psicanálise

Conhecendo um pouco de nossas instituições Febrapsi, Fepal e IPA, gostaria de começar com a pergunta: onde está o pensamento de Sándor Ferenczi na transmissão da psicanálise hoje? Por que essa pergunta é importante? Por que a grande maioria de psicanalistas formados em formação nas sociedades da Febrapsi não possui em seus currículos um estudo sistemático sobre o pensamento de Sándor Ferenczi, que acompanhe de forma contígua a leitura das obras de Freud? O autor húngaro está presente em nossas sociedades, mas ainda de forma periférica, por

1 Psicanalista. Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ). Pós-doutora em psicologia pela USP, doutora em psicologia clínica pelo William James College. Membro da Associação Internacional de Psicanálise e Psicoterapia Relacional (IARPP) e membro do conselho executivo do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi. Psicanalista de crianças e adultos, supervisora clínica e autora de artigos publicados. Atualmente faz parte da equipe da Diretoria Científica da Federação Psicanalítica da América Latina (Fepal) e do conselho editorial do *Jornal de Psicanálise*, da SBPSP.

meio de cursos ocasionais ou grupos de estudos laterais, ou conferências privilegiadas, como esta que iniciamos hoje, o que, sem dúvida, já é um bom começo para reabilitar um ancestral perdido.

Ao reconhecermos que deixamos o pensamento de Ferenczi sem um estudo sistemático na formação do psicanalista, arriscamo-nos a dois possíveis erros. O primeiro seria considerá-lo como um pensador que desenvolveu uma linha teórica ou uma escola independente, um autor que criou algo que merece uma visita ocasional. Ferenczi não foi um dissidente, ele não foi criador de uma escola, ou um líder com seguidores. Outro erro comum é ler Ferenczi sem situá-lo em diálogo contínuo a Freud. O prejuízo nesse caso é desconsiderar a longa colaboração entre esses dois pioneiros e, precisamente, desconhecer como suas diferenças, especialmente sobre a natureza e o impacto do trauma psíquico nas formações subjetivas, e a inclusão do materno transformaram-se em dificuldades fundamentais para sistematizar de forma ampla o pensamento psicanalítico e suas ramificações, como propuseram Renato Mezan (2014) e Daniel Kupermann (2017).

Sabemos que historicamente há razões bem delineadas para não contarmos com a presença de Ferenczi em nossas sociedades. Uma forma que uso para entender essa ausência é pensar que, em nosso livro imaginário sobre a historiografia da psicanálise, veio faltando um capítulo, o segundo. Arrancado pelo que chamamos hoje de “apagamento” de Ferenczi, que durou aproximadamente 50 anos, desde que seus últimos trabalhos póstumos foram publicados em 1934, até a publicação do *Diário clínico* em 1985 e da correspondência Freud/Ferenczi publicada em três volumes em 1991, 1996 e 2000, respectivamente. Desde então o interesse e o estudo sobre esse autor tornaram-se crescentes.

Muito já se escreveu sobre essa história. Mas vamos novamente a um pequeno resumo. Ferenczi foi um autor presente no que Freud, em 1914, chamou de “História do movimento psicanalítico” (1914/1996), criador da IPA, responsável pela criação dos primeiros periódicos internacionais para publicações de artigos sobre a psicanálise, atuante no diálogo da psicanálise com outros campos do saber, foi o primeiro a introduzir a psicanálise nas universidades e sempre foi interessado por

questões sociais a sua volta, seja na defesa dos direitos dos homossexuais (Goldfajn, Kupermann & Martins, 2018, pp. 35-40), seja nos questionamentos sobre o binarismo de gênero, o que será apresentado por Jô Gondar neste painel.

No obituário que Freud escreveu em 1933, ele honraria seu companheiro com o seguinte trecho: “A maioria de seus escritos fez de todos os analistas, seus discípulos... é impossível imaginar que a história de nossa ciência venha a esquecê-lo” (Freud, 1933/1996).

Mas Ferenczi foi esquecido. De acordo com Bonomi e Borgogno (2014, pp. 1-2), Ernest Jones, que rivalizava com o seu analista húngaro, valeu-se do incentivo de uma carta que recebera de Freud, escrita logo após seu último encontro com Ferenczi em 1932, alguns meses antes de seu falecimento. Nessa carta, Freud relata a Jones sua mágoa com Ferenczi, seu distanciamento progressivo em relação ao amigo, sua desconfiança sobre a validade de seus experimentos técnicos e sua revolta por ele insistir em sua própria teoria sobre o trauma. Jones então publica na biografia que escreveu sobre Freud (1942) difamações sobre a saúde mental de Ferenczi, que ele sabia que não eram verdadeiras. Jones afirmaria que Ferenczi estava doente, o que era verdade, e psicótico, uma inverdade, e que isso teria afetado sua produção nos últimos anos de vida. Como consequência, seus textos foram banidos dos institutos de psicanálise da IPA, e suas críticas a Freud e suas teorias, enterradas. Hoje, as afirmações de Jones são reconhecidamente uma das grandes *fake news* na historiografia psicanalítica.

É bom lembrar: Ferenczi é o autor mais citado por Freud em suas obras, 69 vezes, e com o maior número de textos diferentes citados de um mesmo autor, 34 textos (Gutiérrez-Peláez, 2013, pp. 1-10).

Por isso creio que aqui nos cabe uma pergunta: embora a “vilanização” de Ernest Jones seja uma condição necessária para o apagamento de Ferenczi, seria por si condição suficiente para a extensão desse apagamento? O que possibilitou, com 50 anos de atraso, o renascimento de Ferenczi? E desde então o que perdemos e o que é possível resgatar?

Para os psicanalistas estadunidenses Stephen Mitchell, Lewis Aron e Adrienne Harris (Aron & Harris, 1993), o renascimento de

Ferenczi estaria ligado ao clima nas instituições psicanalíticas nos anos 1980. Segundo Mitchell (1995),

O recente ressurgimento do interesse em Ferenczi pode ser entendido no contexto da dinâmica dos conflitos do movimento psicanalítico de nosso tempo... uma exploração e avaliação do legado de Ferenczi tem, portanto, um significado maior, além do histórico. (pp. 228-231)

Especialmente em centros acadêmicos e sociedades de psicanálise que não pertenciam a IPA, muitos autores utilizaram as próprias críticas que Ferenczi publicou, com o apoio de Freud, sobre a falta de análise aprofundada dos analistas que se submetiam às análises didáticas e a não aceitação de analistas leigos, aqueles que não fossem médicos, para a formação psicanalítica nas sociedades integrantes da IPA, criando uma endogamia, causando empobrecimento do pensamento psicanalítico e sugerindo novas formas de pensar nesse campo que discutissem a face social da dinâmica da inclusão e exclusão como mecanismos de poder e estruturação social (Mitchell, 1984; Benjamin, 1988).

Creio que no Brasil não foi diferente, o interesse por Ferenczi iniciou-se com Tereza Pinheiro, Chaim Katz, Joel Birman e Luiz Claudio Figueiredo, acadêmicos, professores universitários participantes, ou não, de sociedades da IPA, que nos proporcionaram muitos subsídios para apreciar a obra de Ferenczi, identificando as ideias dele que influenciaram direta e indiretamente os autores da psicanálise mais consagrados localmente, como Klein, Winnicott, Bion e Lacan, por exemplo.

Entre as grandes contribuições que Ferenczi nos deu, destaco os textos publicados a partir de 1928, quando seu pensamento maduro sobre suas próprias descobertas e teorias foi mais bem sistematizado. Note-se a clara importância dada ao cuidado ambiente, à necessidade da adaptação da família à criança, à hospitalidade às crianças mal acolhidas ou excluídas e sua proximidade com o ódio mortífero quando não há amor. O mais traumático, o abuso que provoca a confusão de línguas e de papéis, quando o adulto que deveria cuidar da criança requer dela submissão e gratificação sexual forçada, e um segundo adulto desautoriza o

sofrimento que esse primeiro abuso provoca na criança, estabelecendo uma relação violenta que ocasiona um despedaçamento da criança por total falta de confiança em suas percepções sobre o externo e sobre si mesma.

Todas essas ideias presentes nos textos do autor escritos entre 1928 e 1932 estão calcadas na compreensão da dinâmica relacional de duas pessoas e das trocas entre o ambiente e o eu. São desdobramentos do contato que desliza por uma matriz única relacional, estabelecendo uma forte ligação erótica entre duas pessoas, oscilando entre o cuidado e o traumatismo e entre a vida e a morte.

Com base nessa compreensão, Ferenczi passa a defender uma mudança na atitude do analista com seu analisando. Ele propõe que o analista deva ter com seu analisando uma atitude benevolente e amistosa, especialmente com aqueles que sofreram severos abusos infantis. Há aqui uma mudança na ética do cuidado. Assim, para Ferenczi, o analista deveria, como uma mãe, cumprir a função de hospedar, cuidar e se adaptar às necessidades de seus pacientes. Sementes que proliferaram no pensamento de Melanie Klein, Donald Winnicott e Wilfred Bion. Bion, desconfio, teve, sem saber, a extensão do DNA psicanalítico de Ferenczi, ele foi analisando de John Rickman e Melanie Klein, ambos analisados por Ferenczi.

Curiosamente, o psicanalista contemporâneo André Green, escreveu: “Sabemos que entre 1928 e 1932, Ferenczi produziria uma série de trabalhos que o tornariam o pai da psicanálise moderna” (1990, p. 66).

O pai da psicanálise moderna? Mas, se Ferenczi sempre esteve junto a Freud, por que as mudanças que ele propôs seriam consideradas modernas ou contemporâneas? Algo da ordem de um *avant-garde*, precoce e prematuro, que precisaria de um pai para reconhecer sua existência. Assim, segundo Green, teríamos mais um pai para a psicanálise e algumas mães mortas.

Em outra linha de compreensão, Axel Hoffer (1991, p. 465) defende a ideia de que Ferenczi foi, na verdade, a mãe da psicanálise, o autor que conferiu ao materno a matriz fundamental para o desenvolvimento sexual, corporal e psíquico, sem divisão.

Freud entendia que era a lei paterna, o que conferia a atividade como masculina, pela ação de castrar e fugir da castração que poderia estar presente no homem ou na mulher, regulando a preservação da vida e o desenvolvimento da cultura. Para Ferenczi, seria o amor materno, uma abnegação sem limites, que garantiria suporte relacional para as frustrações com o desprazer, superando o complexo edípico pela introjeção do vínculo amoroso com o outro, na construção de um funcionamento bipessoal, em que os adultos poderiam produzir e cuidar da uma nova criança. O materno seria, portanto, a gênese erótica da pulsão que oscilaria entre a vida e a morte (Ferenczi, 1924/1993).

Dessa forma, não foi somente a rivalidade masculina de Freud ou Jones em relação a Ferenczi que o arrancou de nossos livros. Ao arrancarmos Ferenczi prematuramente de nossa formação e de nossos estudos, banimos também a oportunidade de entender a gênese da “matriz materna primária” que Ferenczi (1924/1993) propõe em seu texto “Thalassa”. Desaparecem igualmente os comentários sobre esse materno vindos de outros personagens com quem Ferenczi dialogou, mulheres que tinham voz e presença, como Karen Horney, Lou Andreas-Salomé, Sabrina Spilerein, Elizabeth Severn, junto a outras 6 pacientes mulheres de Ferenczi, citadas no *Diário clínico*, todas descritas como independentes e autônomas, por riqueza ou profissão, e a quem Ferenczi concedeu diferentes formas de mutualidade em seu contato clínico com elas e no desenvolvimento de seu pensamento.

Mulheres que apontaram para aquilo que o “continente negro” obscurecia, o lugar ambíguo do materno na psicanálise, potência e submissão traumática, que Ferenczi criou, nomeou e revisou em sua última obra, o *Diário clínico* (Dupont, 1988).

## O lugar do materno

Durante a pandemia o imperativo do “fique em casa” adquiriu várias conotações, principalmente em relação à reorganização das

famílias. Sem o suporte de terceiros, de avós e parentes, de funcionários domésticos, no ambiente íntimo de cada casa, as divisões de tarefas foram redistribuídas. Novos contratos firmados, separações e uniões inesperadas ocorreram. Mesmo para aqueles pacientes que permaneciam sós, a ideia presente de uma família ausente ampliou-se, enchendo o espaço de abandono, em alguns casos no nível do insuportável.

Diante da nova realidade traumática do distanciamento social, fizemos aquilo que Ferenczi sugeriu, nos adaptamos, aloplasticamente, deixamos os consultórios, mudamos de cidades, migramos para o interior de nossas vidas e aglomeramos com quem nos era possível. Se, por um lado, lamentamos o distanciamento social, por outro lado, tivemos também a convivência intensa, uma intimidade sem interrupção com a família, com o trabalho ou com partes de nós mesmos que nem sempre gostaríamos que estivessem tão presentes. Seria o que Ferenczi chamou de adaptação autoplástica, uma reorganização interna.

Durante o meu contato com pacientes mulheres chamou-me a atenção o surgimento do materno em semelhantes condições.

Destaco alguns exemplos pontuais:

### *Exemplo A*

No princípio da pandemia, decidi que seguiria trabalhando online, mas não atenderia crianças, pois achava que não saberia honestamente como fazer isso de maneira que mantivesse o que de melhor eu poderia oferecer. Prontifiquei-me, porém, a ficar em contato com os pais. Um dia a mãe de uma de minhas pacientes me telefona e diz o seguinte:

Olha só, tá a maior barra aqui em casa, eu tenho que trabalhar, o P [companheiro] tem que trabalhar, as crianças têm que estudar online, não temos ajuda de ninguém. Precisamos da sua ajuda. Você acha o quê, que vai dar para você deixar de atender a F. só porque você não quer atender criança online? Olha eu estou marcando de volta toda a rotina das crianças online, e a F. está com muita dificuldade de se adaptar, chega junto aí, dá pra ser?

Sei que você é mãe também, então ajude uma mãe em apuros, ou, sei lá, vou ter que parar de trabalhar, e acho horrível ser mãe em tempo integral, nunca conseguirei estar totalmente disponível como eles precisam.

O apelo me chegou certo, nem tanto por querer ajudar “a uma mãe em apuros”, mas por me dar conta da minha arrogância de não querer macular a minha técnica, sem nem tentar entender o que poderia ou não fazer. Voltei a oferecer atendimento online às crianças que eram minhas pacientes e recebi outras que iniciaram comigo nesse modo. Se fiz um trabalho que considero bom ou consistente, acho muito cedo para avaliar.

### *Exemplo B*

Decidi sair do trabalho e ser mãe, acho que estou fazendo uma coisa horrível, nunca mais vou conseguir voltar ao mercado de trabalho nessa posição que eu acabei de conseguir. Também tenho a certeza que ser mãe como a minha mãe era, dedicada, fazendo tudo para mim, mas sem trabalhar e dependente do meu pai, que ficava controlando-a, me faz ficar muito dividida. Vai ser um sofrimento, queria aumentar o número de sessões com você, pode ser?

### *Exemplo C*

O M [companheiro] acha que deveria aproveitar que saí do trabalho, e que deveríamos ter um filho. Aí, nem precisaria usar os óvulos que congelei. Mas saí justamente porque era um machismo horrível onde trabalhava. Quem vai ter que ficar grávida sou eu. Para ele não muda nada, e já estamos brigando, porque eu quero que minha filha tenha o meu nome, por que tem que ter o sobrenome dele? Sou eu que carrego e sou eu que vou sustentar. Homem é muito egoísta, né? Só pensam neles. Tenho medo de tudo, de não ser maternal, de não conseguir trabalho, de ficar largada e deprimida, mas também não consigo desistir de ser mãe. Nem sei se tenho o que é necessário para ser mãe.

Brevemente descritos, essas personagens, mulheres em torno de 30 a 40 anos, espelham os problemas da oscilação de poder na hierarquia familiar, e concomitantemente falam de uma mãe idealizada de antes como alguém que emerge de forma mítica e ameaça e interrompe a existência de um para dar vida ao outro. Ao dar-se completamente ao outro, sentem-se regredindo a serem dependentes e diminuídas, relegadas a um papel secundário ou à total inexistência.

Escuto nos impasses dessas personagens a ambivalência em torno do materno como um análogo ao que Ferenczi descreve em “Thalassa”, o ambíguo desejo de retorno a uma matriz materna idealizada que ameaça a existência e um desejo potente de gerar, reconhecendo que é necessário adaptar-se a um outro. Aliás, “Thalassa”, elencada por Ferenczi, é a deusa mítica, senhora dos mares e geradora solitária que esse autor usa como o mito que ilustra a matriz primária, originadora da vida.

A insegurança feminina, que se destaca nas vinhetas, mostra a angústia da fantasia presente. Se as mulheres param de trabalhar, deixam de ser como os homens são, e, se forem mães míticas e idealizadas, estarão subordinadas e dependentes novamente de um pai controlador. Hoje temos consciência de que essas adaptações têm um custo, a ser descontado da valorização e da emancipação feminina.

No *Diário clínico* encontramos uma passagem em que Ferenczi faz uma alusão à naturalidade com que Freud e a psicanálise solicitavam à mulher que renunciasse a si mesma sem concessões e que ele teria repetido esse erro ao conceber sua visão sobre o materno, quando propôs sua teoria da genitalidade. Escreveria Ferenczi:

Minha teoria sobre a genitalidade pode ter muito bons pontos, mas em seu modo de apresentação e em sua reconstrução histórica ainda fica muito colada às palavras do mestre [Freud]; uma nova edição deverá ser totalmente reescrita. Um exemplo: a teoria da castração feminina. Freud pensa que o clitóris se desenvolve e funciona anteriormente do que a vagina, isto é, meninas nascem com a sensação de que elas têm um pênis, e somente depois elas aprendem a renunciar tanto a isso quanto ao amor passional pela mãe e passam a aceitar a feminilidade vaginal e uterina. Assim ele [Freud]

negligencia a possível alternativa de que a orientação instintiva heterossexual (talvez só na fantasia) é desenvolvida bem antes, e que a masculina só se manifesta por razões traumáticas (cena primária), como um sintoma histérico. (1932/1990, p. 187)

É difícil decifrar com exatidão o que Ferenczi teria em mente ao escrever essa nota, mas fica claro que há uma mudança no entendimento da sexualidade feminina: a castração feminina não estaria ligada a uma incompletude, mas, ao contrário, a uma completude que teria de ser perdida para dar lugar à existência de um outro.

Creio que, em sua crítica ao “mestre”, Ferenczi pode ter dialogado com o trabalho de duas analistas, que ofereceram críticas e sugestões alternativas à centralidade do complexo de Édipo no desenvolvimento sexual feminino, em seu próprio tempo.

São elas Karen Horney e Lou Andreas-Salomé. Apresento apenas indícios de uma pesquisa que precisará ser mais bem desenvolvida. Sabemos que Ferenczi conhecia Horney, e era amigo próximo de Lou Andreas-Salomé. Ela até mesmo, por ocasião da morte de Ferenczi, escreveu “Ele [Ferenczi] não foi o presente, mas o futuro” (Svekacs-Weis & Keve, 2012).

Suponho que Ferenczi conhecia bem as ideias dessas autoras, que parecem infiltradas na crítica que ele faz quando diz que sua “teoria da genitalidade” deveria ser totalmente reescrita.

1. Karen Horney, em seu artigo “Medo de mulher” (1932/1993), publicado no *International Journal of Psychoanalysis* e contido em seu livro *Psicologia feminina*, escreveu:

Uma das exigências das diferenças biológicas é essa: que o homem seja realmente obrigado a estar sempre provando a masculinidade diante da mulher. Para ela não existe necessidade análoga. Mesmo frígida, pode ter relações sexuais, conceber e parir uma criança. Ela realiza seu papel apenas sendo, sem nada fazer – fato que sempre encheu os homens de admiração e ressentimento. Eles têm sempre que fazer alguma coisa para se realizar. O ideal de eficiência é tipicamente masculino. (p. 143)

2. Lou Andreas-Salomé, em um belíssimo artigo, “Narcisismo com dupla direção”, agora disponível em português e publicado originalmente em 1921, escreveu:

é esse vestígio, remanescente da própria sexualidade clitoriana, que, em se tornando supérflua para o objetivo genital, vive na mulher de modo mais infantil ou puerilmente até... sim, até mesmo talvez, quando no parto a mulher coloca o “filho” de si mesma no mundo. Nesse clímax da experiência feminina, ela, a geradora, a alimentadora, a educadora da criança, está ao mesmo tempo próxima ao elemento masculino. É sua parte de atividade que se complementa de modo quase bissexual e, portanto, se volta ao narcisismo original, o qual somente é possível na imagem da mãe que, doando-se, segura o seu seio. (1921/2021, p. 34)

O diálogo com a citação de Ferenczi mencionada antes é com a ideia de que o materno já conteria a bissexualidade, que talvez o autor tenha se referido como escreveu: “ele [Freud] negligência a possível alternativa de que a orientação instintiva heterossexual (talvez só na fantasia) é desenvolvida bem antes [na mulher]”.

Termino por aqui essa exposição deixando aberta a presença dessas pequenas frestas para a imaginação. A literatura sobre o materno na psicanálise é extensa, são muitas as autoras que já abordaram o tema, como Nancy Chodorow, Luce Irigaray, Julia Kristeva, Marina Ribeiro e muitas outras, mas o exercício que decidi mostrar aqui é que mesmo no início da psicanálise discussões que nos parecem tão contemporâneas já estavam lá para serem pensadas, eram já pensamentos com-pensadoras e que a partir do renascimento de Ferenczi podemos, agora, revisitar.

Assim o reencarte do capítulo 2 dessa literatura em processo de recuperação abre espaço para revisitar os desdobramentos do pensamento psicanalítico influenciados por Ferenczi em busca da origem da mitologia da maternidade e seu correlato cultural, a maternagem, percorrendo um caminho em regressão progressiva: retorna-se para avançar e progride-se regredindo, observando a transição de modelos

em que prevalecem alternâncias, guinadas e giros conceituais que incluíam o que antes parecia obscurecido.

### El lugar de Ferenczi y el lugar de lo materno en el psicoanálisis

Resumen: El artículo se basa en el trabajo presentado en el encuentro organizado por la Sociedad de Psicoanálisis de Brasilia: “Contribuciones de Ferenczi al psicoanálisis contemporáneo” ocurrido en noviembre de 2021. La autora busca rescatar la importancia del pensamiento del psicoanalista húngaro en la historiografía psicoanalítica, demostrando su contribución original sobre la matriz materna en la clínica y la teoría psicoanalítica. La autora propone que el desarrollo de lo materno por Ferenczi fue fundamental para la deconstrucción de los roles culturales de género en la clínica. Algunos ejemplos se discuten a partir de la clínica de la pandemia.

Palabras clave: Sándor Ferenczi, matriz materna, femenina, género, clínica psicoanalítica

### The place of Ferenczi and the place of the maternal in psychoanalysis

Abstract: This article is based on the work presented at the conference presented at the Society of Psychoanalysis of Brasilia, called: “Contributions of Ferenczi to contemporary psychoanalysis” held in November 2021. The author seeks to rescue the importance of the thought of the Hungarian psychoanalyst in psychoanalytic historiography, demonstrating his original contribution of the maternal matrix in the clinic and psychoanalytic theory. The author proposes that the development of the maternal by Ferenczi was fundamental for the deconstruction of cultural gender roles in psychoanalytic practice. Some clinical vignettes from the clinic during the pandemic are discussed.

Keywords: Sándor Ferenczi, maternal matrix, female, gender, psychoanalytic clinic

## Referências

- Andreas-Salomé, L. (2021). *Narcisismo como dupla direção* (F. C. L. de Castro, Trad.). Artes e Ecos. (Série dir. por L. Krüger). (Trabalho original publicado em 1921)
- Aron, L. & Harris, A. (1993). *The legacy of Sandor Ferenczi*. Routledge.
- Benjamin, J. (1988). *The bonds of love: psychoanalysis, feminism, and the problem of domination*. Pantheon Books.
- Bonomi, C. & Borgogno, F. (2014). The Ferenczi renaissance: past, present, and future. *International Forum of Psychoanalysis*, 23(10), 1-2.
- Dupont, J. (Ed.) (1988). *The clinical diary of Sándor Ferenczi* (M. Balint & N. Z. Jackson, Trads.). Belknap Press/Harvard University Press.
- Ferenczi, S. (1990). *Diário clínico*. Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1932)
- Ferenczi, S. (1993). Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade. In S. Ferenczi, *Obras completas* (Vol. 3). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1924)
- Freud, S. (1996). A história do movimento psicanalítico. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 14). Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (1996). Sándor Ferenczi/Obituário. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 23). Imago. (Trabalho original publicado em 1933)
- Goldfajn, D. S.; Kupermann, D. & Martins, K. P. (2018). As contribuições teórico-clínicas de Sándor Ferenczi. In A. E. A. Antúnez & G. Safra. (Org.), *Psicologia clínica, da graduação à pós-graduação 1*, 35-40. Atheneu.
- Gondar, J. O. (2010). As coisas nas palavras. Ferenczi e a linguagem. *Cadernos de Psicanálise*, 23, 123-132.
- Gondar, J. O. (2012). Ferenczi como pensador político. *Cadernos de Psicanálise*, 34(27), 193-210.
- Green, A. (1990). *Le complex de castration*. PUF.
- Gutiérrez-Peláez, M. (2013). Sándor Ferenczi y la intelectualidad húngara del siglo xx. *Affectio Societatis*, 10(18).
- Hoffer, A. (1991). The Freud-Ferenczi controversy – a living legacy. *Int. Rev. Psycho-Anal.*, 18, 465.
- Horney, K. (1993). *Feminine psychology*. W. W. Norton & Company (reissue edition). (Trabalho original publicado em 1932)
- Kupermann, D. (2017). *Estilos do cuidado: a psicanálise e o traumático*. Zagodoni.
- Mezan, R. (2014). *O tronco e os ramos*. Companhia das Letras.
- Mitchell, S. A. (1995). Review of *The legacy of Sándor Ferenczi*. *J. Amer. Psychoanal. Assn.*, 43, 228-231.
- Mitchell, S. A. (1984). Object theories and the developmental tilt. *Contemp. Psychoanal.*, 20, 473-499.

Denise Salomão Goldfajn

Svekacs-Weis, J. & Keve, T. (Orgs.) (2012). *Ferenczi and his world: rekindling the spirit of the Budapest School*. Karnac.

Denise Salomão Goldfajn

dgoldfajn@uol.com.br